



# Contos de dor e sofrimento

Newton Sabbá Guimarães, Ph. D.

daidsabba@uol.com.br

**Resumo.** O artigo mostra uma faceta mais humanística do prosador galego nas *Historias de Emigrantes*. Em páginas de muita dor e sofrimento, narra as aventuras, nem sempre pré-sentidas, dos que deixavam a Galiza em busca de melhor situação de vida. Esmerando-se no estilo, Xosé Neira Vilas traz até nós, leitores de todas as partes do mundo, o pequeno universo do emigrante, visto de modo piedoso e compassivo, e com elevado grau de acuidade, sem deixar de lado a sua imensa compreensão pela sorte (melhor diria, desdita!) dessa gente sofrida, boa e absurdamente inocente, que, mesmo nos piores momentos, não perde o senso da solidariedade, da generosidade e do amor, o que serve para exaltar a Terra Galega como poucas vezes se tem feito. O estilista primoroso de *Nai* e *Querido Tomás*, atingiu tamanhas culminâncias na análise da psicologia da sua gente que os elogios são nada comparados com a sua tersa e humana scriptura, um hino e uma apologia para Galeguidade.

**Abstract.** This article shows a more humanistic aspect of the prose author Xosé Neira Vilas in *Historias de Emigrantes* (Stories about Emigrants). In painful pages, he tells the adventures of those who left Galicia to look for a better life. Making a lot of effort in his style, he bring us, readers from all over the world, the small universe of emigrants, seen in a kin and compassionate way and with great shrewdness. He does not leave his luck understanding aside (or rather, misfortune) of those long-suffering people, good and absurdly innocent, who even in the most difficult situations, do not lose their sense of solidarity, generosity and love, which exalts Galicia as it has never been done. The delicate stylist of *Nai* (Mother) and *Querido Tomás* (Dear Thomas) culminated in the analysis of people's psychology in such a way that all the praise cannot be compared to his humane writing, a hymn and an apology for Galicia.

Poco o molto, quegli elementi prendono parte diretta alle vibrazioni, e, talvolta, accrescono e intensificano il sentire, tal'altra, lo disturbano, colorandolo sempre di aspetti eterogenei.

*Dialogo dei Morti Attraverso un Vivo*

Deixo, aqui, nestas linhas, as minhas impressões de leitura sobre um livro galego lido faz pouco tempo. Não se trata de um artigo de teoria literária, nem sequer de crítica, mas das impressões despertadas

---

Nota: Estas páginas são reverentemente dedicadas a Doña Anisia Miranda, esposa de Xosé Neira Vilas; a Doña Placeres Candedo Domingues, la querida abuelita de Arlete Sabbá Guimarães, esposa do Autor; e a Don Leandro Carré Alvarellos, bondade e desprendimento, todos na crença de uma Galeguidade imperecível – in memoriam.

pela leitura de uns contos que têm como eixo a emigração galega nas Américas. E escrevo-as como faziam os nossos avós, algo condenadas pelo o rigorismo teórico de hoje que as considera, com alguma ironia, “crítica impressionista”. Assim se procedia no Brasil e em Portugal do passado e, curiosamente, esse tipo de crítica é, ainda nos dias que correm, de agradável leitura mesmo que de crítica e teoria pouco possuam. Encontrei esse tipo de crítica ingênua até mesmo em grandes escritores de França, país respeitado pelos seus grandes críticos. Robert de Kemp escreveu belas páginas de impressões de leituras e até o mundialmente famoso Anatole France também deixou muitas dessas páginas, escritas sem preocupação de teorizar. E agradam. Nelas parece que mandam a sensibilidade e os gostos literários do leitor. E retorno, pois, às impressões de leitura como se escreviam em anos passados para com este livro de contos de Neira Vilas que, na sua simplicidade, me comove, profundamente. São notas de leitura de um incansável leitor, mas que me evocam outras leituras, faz muitos anos, do Maksim Gorki de *Os Ex-Homens*, do Camilo das *Novelas do Minho*, do Príncipe Tolstói de *Homens e Servos*, e outros escritores que, um dia, generosa e solidariamente, escreveram de gentes simples em eterna luta com as estreitezas do meio em que viviam e os problemas de uma vida infame, acanhada e difícil. E lembro, ainda, esse hoje infelizmente esquecido Galeão Coutinho, o extraordinário Galeão Coutinho de *O Último dos Morungabas*, de tanta dor e sofrimento. Evoco, na mesma e longa caminhada dos anos, pessoas que conheci, vindas de outros países, tentando sobreviver neste País e aqui buscando o pão que lhe escasseava lá, na sua terra de nascimento. Estas *Historias de Emigrantes*<sup>1</sup> forçam-me a um mergulho na distante terra do passado e evocam lembranças, algumas bastante tristes, de fracassos e humilhações, de decepções e sofrimentos, todas bastante vivas na memória e na sensibilidade. Da minha gente também, judeus sefarditas que deixaram o Marrocos nativo em busca de melhores dias neste gigante sul-americano que, quase sempre, abria os braços para

1 Neira Vilas, Xosé. *Historias de Emigrantes*. 5ª. Edición. Sada/A Coruña: Edicións do Castro, 1982.

recebê-los com generosidade, mas algumas vezes também maltratava e feria, nem sempre por maldade, e sim por ignorância e estreiteza de visão, pela mesquinha natural que acomete as pessoas desvalidas que também trabucam pelo pão de cada dia, dessa “arraia miúda”, de que falava Fernão Lopes, gente fechada no seu egoísmo de sobrevivência e, por isso mesmo, acredita que a boca do estrangeiro, daquele que vem em busca do pão, é mais uma boca a competir com as muitas do lugar e, por ser mais uma, vai fazer minguar o *seu* quinhão, ou que o sol que as ilumina todas as manhãs e todas as manhãs as aquecem, vai-lhes fazer falta se os seus raios iluminam e aquecem aos que vêm de longe... Vemos todos os dias ódios medrarem, injustos e perversos, nos países mais ricos, seja na Europa, seja nos Estados Unidos.

Coração testado por mil batalhas de todos os tipos, o corpo ferido por mil paixões de uma vida, muitas vidas, confesso, porém, que senti um aperto no peito ao fechar a última página do livrinho de contos de Xosé Neira Vilas, como sempre, escrito no galego mais lírico e belo que se possa desejar, pois o contista –proclamei-o já em diversas ocasiões, em artigos!– é um apaixonado artista da sua língua. E lembrança puxa lembrança, lembrei-me das desventuras de Cortizo Bouzas, imigrante como os dos contos de Pepe Neira, que passou pelas maiores dificuldades nas terras brasileiras nas primeiras décadas do século XX, lá pelo extremo norte, sem jamais haver perdido a honra, nem a dignidade que tanto prezava e encarecia e, já a caminho da velhice, afinal vitorioso e próspero, escreveu, em castelhano, um livro de memórias cuja leitura, por mais apressada que venha a ser, nos toca fundo a sensibilidade de homens e de brasileiros: *Del Amazonas al Infinito*. São páginas dolorosas mas nunca piegas e melosas. Não, são na sua caótica *scriptura* por vezes *naïve*, as impressões de um homem forte e decidido a vencer e que se não vendeu e termina por conquistar o que se propôs sem jamais ceder em questão de honra e dignidade, exemplo moral para quem o ler. E brotam outras lembranças, em cachões: lembro as recordações de uma senhora minha conhecida, muito velhinha e suave, que contava com lágrimas abundantes as suas peripécias no Brasil, desde o dia de sua chegada, quando adolescente ainda, muito bela e loira,

vinda lá das bandas de Ribadavia, buscava o pão ázimo que lhe faltava nos campos natais. Rememorava as humilhações por que passou, como a Carmen do conto de Neira Vilas e tão parecidas que se parecem copiadas de uma mesma realidade por um mesmo observador. Indo trabalhar de empregada doméstica em casas de gente rica, cuja sua peregrina beleza e inocência de moça campesina despertava a lubricidade dos patrões que, às ocultas das esposas, a tentavam seduzir. Mudava de emprego para fugir aos assédios, encontrando, finalmente, a paz e a felicidade ao casar com um corunhês que dela se enamorou e a levou ao altar. Como me lembrei daquela doce velhinha que me dizia, meio em galego e português-brasileiro, meio em castelhano: “Nem imagina o que é ser jovem, bela e desprotegida em uma terra estranha! O que é ser analfabeta e procurar os mais humildes trabalhos!” E dou um salto nas lembranças. Lembro um amigo grego que se perdeu na poeira dos anos e evoco nestas linhas o amigo Nikólaos Lekákis, quem, ao tentar a vida em o Novo Mundo, não teve outra saída senão exercer todos os misteres mais humildes, de moço de recados a carregador de pacotes, de ajudante de padeiro a caixeiro de padaria. Trabalhador incansável e persistente, por fim vê o êxito chegar ao receber o beijo da sorte, como dizia, gregamente fatalista, a sorrir... Empresário, já com nome na praça, Lekákis um dia confessou-me: “O forasteiro é antes de tudo um forte, ao enfrentar mil obstáculos na sua trajetória para o sucesso. Nem imaginas o que é ser imigrante, às voltas com a língua, novos costumes, leis de trabalho quase sempre incumpridas, explorações dos empregadores, além das muitas mentiras, maldades, enganos e engodos por que se passa”. E aquele homem duro e pouco sentimental, não conseguia disfarçar os olhos marejados de lágrimas. Pobre grego, meu bom amigo de tantos sofrimentos e lutas, que me contava as estórias da sua aldeia natal onde deixara mãe e irmãs em busca de melhores oportunidades, o amigo respeitoso e formal que se recusava a tratar-me pelo prenome mesmo depois de sólida amizade, o amigo a quem nunca mais vi e de quem nunca mais soube. Talvez já estejas morto, amigo de um passado longínquo, e lembro quando eu, moço magistrado, te recebia no meu gabinete para ouvir as tuas recordações, algumas cômicas,

amargas outras, ah, como meu lembrei de ti, meu velho e distante amigo, ao ler as *Historias de Emigrantes!*...

Neira Vilas é um contador nato e as suas histórias dessas vidas pequenas e desgraçadas, são contadas, apesar de tudo, com serenidade, sem uma palavra de rancor ou sequer de mágoa, sem uma única crítica a ninguém, nem a instituições, nem a nada. Sou eu, o leitor, quem tas vai julgar pelos quadros que o narrador me apresenta, cumprindo muito bem com um dos preceitos da arte de bem escrever contos tal qual ensinava um mestre nesta arte de contar, o autor sempre elogiado de *The Snows of Kilimanjaro* e outras jóias da portentosa Literatura Americana. É curioso este aspecto na obra ficcional de Neira Vilas: ele se abstém de julgar os feitos das suas personagens, limitando-se a apresentá-los para que os julguemos nós, seus leitores eventuais. Cumprimento de uma técnica escorreita da ficção ou a bondade do autor que sobrepaira muito acima da sua arte?

As recordações são vivas, algumas dolorosas, mas por todas elas perpassa um sopro de ternura e piedade pelos homens, em especial por aqueles que fracassaram e cujas vidas foi um falhanço nos sonhos e nas expectativas. Não há páginas de revolta, não há gritos de desespero: o escritor conta os contos como se conversasse com o leitor, sentado à mesa e cercado de ouvintes. Ou à sombra de um baobá, como fazem os *griots* senegaleses. Nem sempre há um *plot* que chame a atenção do leitor pela sua complexidade. Nunca. Os seus contos são lineares, planos, as suas personagens não buscam complicar nada, nem sequer se rebelam contra o destino que, como nos coros gregos de Sófocles, estão sempre presentes, anunciando a tragédia ou o drama que virá. O leitor vai tomando pé no desenrolar do enredo e no seu desfecho, desde o começo da narrativa. Talvez um ponto débil dentro da técnica do gênero. Pepe Neira abomina o mistério dos grandes enredos que fazem as delícias dos escritores que se querem fazer notados por algo espantoso, que prenda a atenção do leitor. Por momentos, compraz-se em dotar os seus contos com pequena mas expressiva intertextualidade, como ao citar o conhecido clássico gauchesco argentino *Martín Fierro*, ou ao enumerar títulos de livros, quase sempre em espanhol, como *Romeo y Julieta*, *La Vida Romántica de Chopín*, ou cita Carlos Gardel, ou

Fangio o corredor, ou a equipe do River Plate, além de nomes de ruas e cidades. A tudo permeia um sutil e delicado *flashback*, que lhe traz o sal e a penumbra do enredo. A personagem está a contar o caso e daí a pouco mergulha em fundo monólogo interior. O resto é o fluir da estória, o seu deslizar, manso e suave, nos rios da memória. Ah, os rios da memória em Neira Vilas! Narrador fluente os seus contos jamais cansam, primeiro pelo *plot* simples mas bem urdido, em segundo lugar por serem todos eles curtos. A aldeia natal não ficou na Galícia –o imigrado trá-la consigo, ciosa e inocentemente guardada consigo. A aldeia está vestida nele, como uma roupa que se tem de usar. Como os *décadents* franceses, Neira Vilas amiúde evoca a morte, não aquela morte que faz brotar e explodir o prazer pervertido à Octave Mirbeau no seu arquivado *Le Jardin des Supplices*. Nunca. A morte para o contista galego é aquela que os cristãos aprendem a temer e a respeitar desde a infância, a que pune os pecadores mas liberta os muito sofredores. Ele a faz atuar como personagem-símbolo, quase sempre freqüente nos seus contos: é a libertadora depois de uma vida de sofrimentos e cansaços. Morte que libera e faz cair o manto do esquecimento. Os seus contos proclamam a busca do esquecimento pela morte: “Soio coa morte se chega ó esquecemento”<sup>2</sup> e, mais adiante esta frase de desilusão e acabamento: “A morte ponlle o loureiro ás cousas que non teñen arranxo”<sup>3</sup>, que lemos em *Agora*, dos seus mais tristes relatos.

A renúncia é um aspecto que o contista gosta de explorar nos seus enredos. Ato de generosidade e abandono de si próprio como em *Segredo*, em que a personagem, moço aldeão ama, desde a infância a sua prima, com quem espera um dia casar, para o que conta com o beneplácito de seu tio. Mas, ao saber que ela estava apaixonada por outro, um senhor de origem alemã e mais velho do que ela, resolve ajudá-la e a sua generosidade chega a ponto de a entregar ao seu rival, assistindo-lhe ao casamento, feliz por a ter feito feliz com quem amava. É um conto ingênuo e doce, em que o leitor como por um passe de mágica retorna a princípios estéticos do

2 Op. cit., p.40

3 Ibidem, p.40.

Romantismo e às páginas camilianas do *Romance de um Homem Rico*, em que a sublimação de um amor leva um ser superior e bondosíssimo a ajudar a uma prima, a mulher que sempre amou, todas as vezes que ela precisa, mulher cuja má cabeça e desacertos seguidos a levam a muitos dissabores com outros homens e amores e infortúnios de toda a sorte. Aproximo os enredos e situações neiravilianos, de situações e enredos engendrados e desenvolvidos pelo gênio trágico de Camilo.

Os contos reunidos neste livro, nem de longe se assemelham aos simbólicos e surrealistas de *Xente no Rodicio*, *A Muller de Ferro* e *O Home de Pau*. Há um abismo entre eles. Aqui, Pepe Neira explora um outro filão, o da narrativa em que casa o mais acentuado lirismo, à introspecção das personagens, enriquecido pelo uso moderado do *flashback* com a pura narração, e pensamentos sentenciosos que amadurecem o texto. E muito. Por outro lado, estas páginas aproximam-se bastante das de recordações de dois outros livros seus, *Nai* e *Pan*, mais tarde incluídos coletivamente em *Charamuscas*. A piedade pelos fracassados, pelos indecisos, pela gente pobre são uma constante na temática de Neira Vilas. A ingenuidade dos moços galegos nas cidades grandes das Américas, em Buenos Aires, em Santos, em São Paulo, é também um lado comovedor que o contista sabe explorar de maneira brilhante. No conto *A Alborada*, a personagem, um desses *galleguitos* em busca de emprego e sobrevivência na capital Argentina, revive em *flashback* a sua aldeia natal e sempre a ela volta pelo som de uma canção que lha fazia recordar: por essa música da sua adolescência, a “*Alborada*” de Veiga, ele retorna pela evocação aos campos natais, fugindo da agitação de Buenos Aires para os ares pastoris e calmos da aldeia galega. Nestas ocasiões somente o seu corpo está na América: a sua alma passeia, livre, pelos verdes campos galegos.

Há por quase todos os contos um como que clima onírico que se apossa do leitor e o leva também a sonhar... Não se trata de um sonho que o narrador conte da sua personagem. Não. É o sonho que invade o enredo e toma, aos poucos, o leitor. Esta recorrência do clima onírico é em muitos casos fruto da humildade e da timidez das personagens. A timidez pode levar a esse mundo onírico e, depois,

até mesmo ao crime, como acontece com as personagens estranhas de Julien Green só que em tramas bem mais complexas e sofisticadas, como acontece com as personagens do seu **Léviathan**. Em “O Barbeiro de Medrano”, um pobre e tímido ourensano de bons princípios, ama em silêncio uma sua prima e quando sabe que ela se casara, enlouquece de amor e embriaga-se, agredindo e violentando uma moça que morava na mesma pensão que ele e se chama, como a prima, Aurora. E ninguém lhe sabe explicar o gesto brutal, nem ele próprio, tão sério e correto, o sabe, a não ser pela embriaguez e a dor de haver perdido para sempre a mulher que amava. É como se fora a caçada da vida. Aliás, o narrador de terceira pessoa escreveu que “a vida semella certamente unha bulra”<sup>4</sup>. E é. Mesmo em contos em que se cometem crimes, como nos dois primeiros aqui citados no início deste parágrafo, transparece uma grande piedade pelo ser humano, em uma quase ingênua busca de compreensão pelo seu semelhante. No conto “Alfredo”, um homem de boa fé é enganado por um vigarista e o final da estória cabe a nós leitores desvendar, porque o narrador deixa em branco a resposta, como que nos incitando a *re-criá-la*: ninguém sabe na verdade o que acontece ao vigarista e à vítima, que desaparecem, quando esta sai armada em busca de quem o fraudara. Há em suas personagens a vontade de fugir, fugir da prisão de uma vida difícil, de círculos que se repetem infinitamente, de sonhos não realizados, das preocupações que problemas materiais os acoçam, ânsia de fugir da cidade grande, fugir da saudade. Uma sua personagem exclama, patética: “Anceio fuxir”. É o seu grito mais lancinante e o mais verdadeiro. A ânsia de fugir, que existe mais ou menos latente em cada um de nós.

Não conheço pessoalmente o autor, mas, se é verdade que o ficcionista sempre deixa um pouco de si no que escreve, como asseguram alguns teóricos –e penso agora em Norbert Groeben–, imagino-o um homem bom e piedoso, aquilo que os judeus religiosos chamam de um *hassid*, חסיד. Declarando-se ateu, Neira Vilas talvez nem se precate de que o seu ateísmo é mais uma atitude intelectual do que um firme sentimento enraizado que vibra dentro de si, pois

---

4 Op. cit., p.32.

nos seus contos tristes e dolorosos, ele parece trazer Deus no coração no momento em que prega coisas boas, em que semeia a ternura, em que busca *com-prehender* o seu semelhante em todas as suas misérias, erros e maldades, mas, também, na sua mais completa e desprotegida inocência. Ou seja, pensa e age com mais bondade e piedade do que muitos dos *soi-disant* religiosos e piedosos o fariam. Não foi em vão que o prefaciador, Luis Seoane, escreveu, cheio de admiração: “Neira Vilas é un pintor nado, un home que fai notables retratos e describe paisaxes co ar mui dabondo lonxano dun Corot, na sua tenrura, e por poñer un nome”<sup>5</sup>.

O autor faz uma de suas personagens enveredar pelo Brasil e vários aspectos da nossa cultura são mostrados no seu conto “*A Andaina de Bernaldo*”, por sinal dedicado aos seus irmãos Xesús, Santiago e Manoel, e em uma de suas mais curiosas descrições escreve que

Aquelo é quente o ano inteiro. Pela o sol que adocece. A xente bebe moita “cachaza”. Son ledos e barullentos, pero teñen coma un algo tristeiro no fondo dos ollos. Falan coase coma nós, con torgo soave, mansiño. Eu vexo aquí algú pellaos que teñen a menos falar en galego<sup>6</sup>.

Conta a falta de conforto dos empregos eventuais, a esperteza de muito empregador. E a busca do emprego, no Brasil e na Argentina e nesta, finalmente, encontra um “xudeo vello” que oferece emprego aos galegos imigrantes. Assim eles sobrevivem.

Em resumo, os contos reunidos neste livro são talvez a mais patente demonstração da sua veia de narrador bem sucedido. Xosé Neira Vilas, com sobeja razão, me escrevia, faz algum tempo, que o conto era o gênero em que se sentia mais à vontade. *Historias de Emigrantes* confirma-o nas suas páginas cheias de profunda nostalgia da boa terra galega, nas quais se misturam muita dor e sofrimento. Disto é feita, em parte, a vida de muitos daqueles que, por um motivo ou por outro, saem para tentar a sorte em outras terras, onde nem sempre as coisas transcorrem como esperavam. O contista fala de “lembrar aconteceres”, em que belamente substantiva um verbo

5 Op. cit., p.9.

6 Ibidem, p.20.

e lhe dá o plural. Foi o que gizou o contista de modo superior: lembrou acontecimentos, possivelmente alguns observados *de visu* nas suas andanças pela Argentina e pelo Brasil. Depois, rebuscando nos escaninhos da memória, deu-lhes forma de contos e enriqueceu-os com sábia lição de compreensão e piedade pelo homem. O resultado vê-se nestas 101p., densas e bem escritas, sentidas e meditadas, cheias de dor e sofrimento, mas nas quais se coloca bem no centro de tudo o homem na sua viagem pela terra...

Ponho fecho a estas impressões de leitura, apropriando-me de mais uns conceitos, muito bem expendidos, por Seoane no prefácio ao livro de contos e no qual disse palavras tão acertadas sobre a diretriz estética de Neira Vilas, descontadas, é certo, as palavras raivosas, panfletárias e fora de propósito sobre os representantes das elites fidalgas (o que me parece descabido em um prólogo, mesmo porque arte e política, estética e ideologia nem sempre se casam, nem sequer devem ficar próximas!): “Fermosos libros que contan entre o millor que se escribú en prosa galega no que vai do século e rompen cunha literatura idealista de cabaleiros e fidalgos, leendas, pazos e fermosas donas, que aínda é moda en Galicia”<sup>7</sup>.

E repito com Seoane: estes são contos magníficos, que trazem até nós uma nova arte de contar, em que *Realwelt* não se desquita da beleza textual, nem a realidade do mundo se alonja da ternura e da bondade. E daqui te saúdo, Pepe Neira Vilas, por estes retratos sem fingimentos de uma Galicia tão amada e tão distante que também é minha, por acreditar na perenidade de suas Letras e no cultivo de sua língua!

---

7 Ibidem, p.12.